

Disponível em:
<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>

Race, Joaçaba, v. 15, n. 2, p. 553-578, maio/ago. 2016

PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE SÃO PAULO (1999-2014)

Specialization pattern of international trade in são paulo (1999-2014)

Mygre Lopes da Silva

E-mail: mygrelopes@gmail.com

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria; Doutoranda em Administração no Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade Federal de Santa Maria; Pesquisadora com ênfase em Comércio Internacional.

Endereço para contato: Avenida Roraima, 1000, prédio 74-C., Cidade Universitária, 97105-900, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Alison Geovani Schwingel Franck

E-mail: alischfranck@hotmail.com

Graduando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Maria; Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Rodrigo Abbade da Silva

E-mail: alischfranck@hotmail.com

Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Maria; Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Daniel Arruda Coronel

E-mail: daniel.coronel@uol.com.br

Doutor em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa; Mestre em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Artigo recebido em 19 de março de 2016. Aceito em 19 de abril de 2016.

Resumo

Neste trabalho buscou-se analisar o padrão de especialização do comércio internacional do Estado de São Paulo, identificando-se os setores produtivos mais dinâmicos, no período entre 1999 e 2014. Nesse sentido, calcularam-se os indicadores de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS), de Comércio Intraindústria (CII), de Concentração Setorial das Exportações (ICS) e Taxa de Cobertura das Importações (TC). Os resultados indicaram que o Estado paulista apresentou uma pauta de exportação diversificada. Com isso, é possível constatar que os setores especializados no comércio internacional são aqueles que apresentam diferenciação de produto, economias de escala e concorrência monopolística, embora se constate a existência de comércio interindústria em vários setores.

Palavras-chave: Exportações. Vantagem comparativa. São Paulo.

Abstract

In this study it was aimed to analyze the specialization pattern of international trade in the state of São Paulo, identifying the most dynamic productive sectors in the period between 1999 and 2014. In this sense, the Revealed Symmetric Comparative Advantage indicator was calculated, as well as the Intra-Industry trade indicator, the Sector Concentration of Exports and the imports coverage ratio. The results indicated that the state had a diversified export basket. Thus, it is possible to conclude that the sectors specialized in international trade are those with product differentiation, economies of scale and monopolistic competition, although it was also identified the existence of inter-industry trade in many sectors.

Keywords: Exports. Comparative Advantage. São Paulo.

1 INTRODUÇÃO

A abertura comercial e a estabilização macroeconômica, consolidadas na década de 1990, mudaram os rumos da economia brasileira. A falta de competitividade de alguns setores nacionais, observada após a abertura comercial, fez com que a indústria passasse por um choque de competitividade em virtude do aumento da exposição aos competidores externos.

A abertura comercial determinou a queda das barreiras comerciais, o que aumentou o acesso a insumos de melhor qualidade e, ao aumentar a competição, forçou a indústria nacional a aprimorar seus produtos e seus métodos de produção. Esses fatores contribuíram para um aumento de produtividade (ROSSI JÚNIOR; FERREIRA, 1999).

Nesse cenário, houve o processo de redução das tarifas no comércio internacional do País, a qual contribuiu para o aumento da quantidade de produtos comercia-

lizados com o resto do mundo. E, nesse contexto, o Estado de São Paulo, que em 1999 respondia por, aproximadamente, 10,5% da pauta de exportações do Brasil, passou a 8,4% em 2014, conforme o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, 2015).

A competitividade do comércio internacional paulista pode ser explicada pelo comércio interindustrial e intraindustrial. O comércio interindustrial é baseado nas vantagens comparativas, cuja teoria pressupõe que ganhos em trocas internacionais dependem da capacidade que certo país tem de produzir os bens nos quais, comparativamente entre si, a produtividade do trabalho fosse maior, ainda que em determinada situação de menor custo na produção de diferentes produtos, o comércio exterior seria mais vantajoso por possibilitar a melhor e mais eficiente alocação de recursos de um país e, por conseguinte, a obtenção de vantagens comparativas com aumento na produção e na renda dos países envolvidos na troca (RICARDO, 1982).

Ainda nesse contexto, o comércio intraindustrial é definido pela troca de produtos da mesma indústria, a qual ocorre pela diferenciação de produto, pelos retornos crescentes de escala e pela concorrência monopolística. Em um mundo globalizado, no qual as empresas passaram a depender das trocas internacionais para “fazer coisas” e não mais somente para “vender coisas”, o comércio internacional não mais se limita à simples venda de um produto final produzido em determinado país para consumidores em outra parte do globo (BALDWIN, 2013). O comércio intraindustrial, também é condizente com a teoria de internacionalização das empresas, uma vez que se considera a existência de concorrência imperfeita, pois, em geral, há um monopólio em um país, enquanto em outro país existe uma concorrente potencial, isto é, uma empresa local que pretende entrar na produção desse bem. Além disso, a modelização da produção é realizada supondo-se que existem custos irrecuperáveis, e as empresas se engajam em comportamentos estratégicos e devem decidir entre exportar os produtos ou produzir no exterior, e os balizadores dessa decisão são maximizar lucros e minimizar custos (RAINELLI, 1997).

Nesse contexto, teve-se o objetivo geral neste trabalho, de se analisar o padrão de especialização das exportações do Estado de São Paulo, considerado o centro financeiro mais desenvolvido e com maior relevância no PIB do País, no período 1999 a 2014, cujo marco inicial representa o ano em que o Brasil adota o regime de câmbio flutuante (VIANNA; BRUNO; MODENESI, 2010). Especificamente, pretendeu-se analisar os setores produtivos mais dinâmicos do Estado paulista, bem como com-

preender sua composição da pauta exportadora, analisando as mudanças implementadas na sua inserção externa.

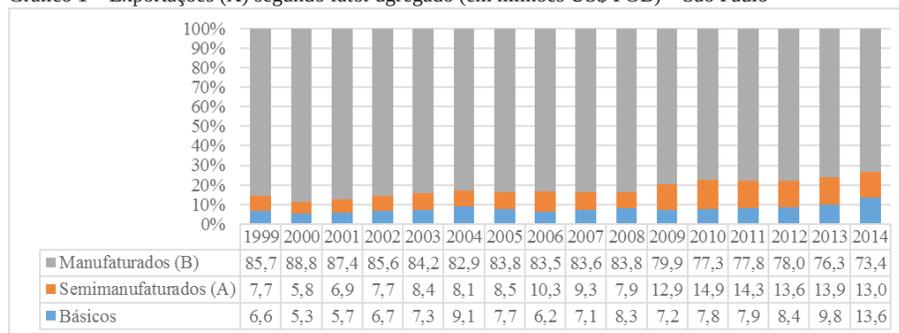
Para alcançar os objetivos, foram utilizados quatro indicadores de comércio internacional, a saber: Indicador de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IV-CRS), Comércio Intraindústria (CII), Concentração Setorial das Exportações (ICS) e Taxa de Cobertura das Importações (TC)

Além desta introdução, o artigo está organizado da seguinte forma: a seção dois apresenta a estrutura das exportações de São Paulo; na seção três é apresentada a metodologia; na seção quatro, os resultados e discussões; e, por fim, são apresentadas as conclusões.

2 A ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES DE SÃO PAULO

De 1999 a 2014, as exportações totais de São Paulo cresceram 181,9%; já as do País apresentaram um crescimento de 367,3%. Por sua vez, as importações do referido Estado cresceram 263,4%, e as do Brasil, 364,6%, ou seja, tanto as exportações quanto as importações paulistas cresceram menos que em relação ao âmbito nacional.

Gráfico 1 – Exportações (X) segundo fator agregado (em milhões US\$ FOB) – São Paulo

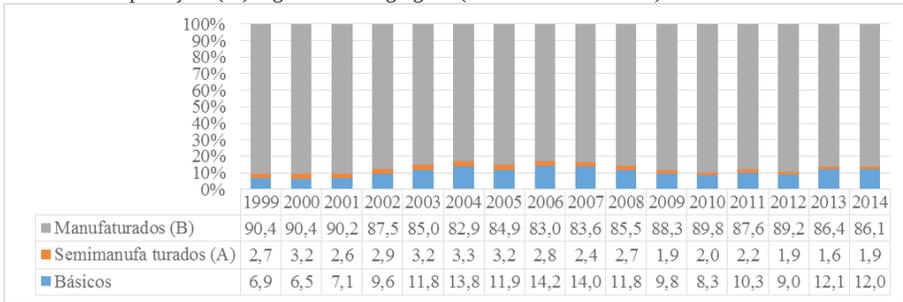


Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

Conforme o Gráfico 1, percebe-se que as exportações paulistas, em 1999, concentravam-se, basicamente, em produtos manufaturados. Em 2014, essa relação é mantida, porém constata-se que, ao longo do período, ocorreu um aumento das exportações de produtos básicos e semimanufaturados, e, ainda, observou-se que a porcentagem de ambas é similar ao último ano abordado. Mesmo os semimanufaturados e básicos aumentando sua participação nas exportações do Estado de São Paulo, as exportações estão concentradas nos produtos manufaturados.

De acordo com Arroyo (2012), a pauta exportadora do Estado em estudo está constituída, basicamente, por produtos industrializados (manufaturados e semimanufaturados), que respondem, desde 1997, por mais de 90% do total estadual. É uma pauta altamente diversificada, que inclui desde produtos semielaborados (açúcares e produtos de confeitaria, preparações de produtos vegetais, carnes congeladas, extratos tanantes e tintoriais, borracha sintética e artificial, etc.) até produtos de maior conteúdo tecnológico (aeronaves, automóveis, locomotivas e trilhos, terminais portáteis de telefonia celular, maquinaria elétrica, instrumentos de óptica, de precisão, cirúrgicos, etc.). Em 2011, as principais exportações paulistas concentraram-se em produtos com cunho mais tecnológico, basicamente, dominados pelos setores de produção de aeronaves, automobilísticos, de eletrônicos, de fármacos e química fina.

Gráfico 2 – Importações (M) segundo fator agregado (em milhões US\$ FOB) – São Paulo



Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

Quando às importações, no Gráfico 2, observa-se que elas possuem um comportamento semelhante, mas não igual ao das exportações, ou seja, maior quantidade de manufaturados desde 1999 até 2014, com pequeno aumento de básicos, porém redução de manufaturados.

O Estado de São Paulo é consolidado como centro da economia e da indústria nacionais. A cultura cafeeira promoveu maior dinamismo à economia do Estado. Conforme Suzigan (1971), os fatores decisivos para que São Paulo pudesse se projetar como a maior concentração industrial do País foram, em primeiro lugar, o afluxo de imigrantes europeus, além de um número elevado, relativamente aos outros estados brasileiros, de operários qualificados ocupariam as mais importantes posições no sistema produtivo da indústria; em segundo lugar, o rápido crescimento do potencial energético, principalmente de origem hidráulica, assim como da rede de distribuição dessa energia pelo interior do Estado. Esses dois fatores, com a abundância de matérias-primas de produção local, criaram as economias externas necessárias ao surto

de industrialização que, a partir dos anos 1930, projetariam definitivamente o estado paulista como o mais importante centro industrial do País.

Pode-se destacar que prevaleceu a concentração da produção nas indústrias de bens intermediários, de capital e de consumo duráveis, as quais foram fomentadas pela industrialização tardia da economia brasileira. Além disso, convém destacar que a estrutura produtiva de São Paulo respondeu à abertura comercial, com ampliação da produtividade e diversificação de seu parque industrial, em indústrias como a editorial e a gráfica, do complexo metal-mecânico, química e alimentos (ARAÚJO; PACHECO, 1992, 1999; MATTEO; TAPIA, 2002).

Segundo o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) (2012), entre os principais produtos da pauta de exportações do Estado de São Paulo em 2012, figuram em destaque aviões e veículos aéreos, açúcares de cana, beterraba e sacarose química, combustíveis e lubrificantes para aeronaves e embarcações, álcool etílico, carnes, entre outros.

Ainda quanto às exportações, no âmbito do valor agregado, segundo a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), em 2014, o Estado de São Paulo movimentou 30% de todo o fluxo comercial do País; no entanto, apenas 11,1% do total exportado pelo Estado são produtos de alta intensidade tecnológica. A maior parte das exportações (30,4% do total) corresponde a produtos de baixa tecnologia. Em contrapartida, as importações das indústrias do Estado se detêm em produtos de alta tecnologia (25,2%), com alto valor agregado (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2014).

Diante da relevância das exportações no papel de especialização comercial, analisam-se os quatro principais destinos das exportações paulistas entre 1999 e 2014, que, juntos, representaram 49,7% e 38,10% do total exportado pelo Estado, respectivamente. Em 1999, foram os Estados Unidos o destino de 24,5% das vendas do Estado, seguidos pela Argentina, Holanda e Bélgica, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Destino das exportações e sua participação no total exportado por São Paulo (1999 e 2014)

Posição	Países de destino	Exp. em 2014 (milhões US\$ FOB)	Part. % em 2014	Posição	Países de destino	Exp. em 1999 (milhões US\$ FOB)	Part. % em 1999
1º	Estados Unidos	8.439	16,4	1º	Estados Unidos	4.301	24,5
2º	Argentina	6.006	11,7	2º	Argentina	2.883	16,4
3º	(Países Baixos) Holanda	2.624	5,1	3º	(Países Baixos) Holanda	857	4,9
4º	China	2.546	4,9	4º	Bélgica e Luxemburgo	692	3,9
9º	Bélgica e Luxemburgo	1.231	2,4	29º	China	68	0,4
	Demais Países	30611,2	59,5		Demais Países	8741,7	49,8
	Total	51.458	100,0		Total	17.542	100,0

Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

De 1999 a 2014, ocorreram algumas mudanças nos quatro principais destinos das exportações paulistas, bem como a diversificação na pauta de exportação. Dos quatro principais destinos das exportações de São Paulo, em 1999, têm-se os Estados Unidos, que, ao longo do período, mantêm-se em 1º lugar no *ranking* dos destinos das exportações paulistas, figurando com 24,5% em 1999 e 16,4% em 2014; a Argentina, que se manteve em 2º, com 16,4% em 1999 e 11,7% em 2014; e a Holanda, que se manteve como 3º colocado, com 4,9% em 1999 e 5,1% em 2014. Bélgica e Luxemburgo, que em 1999 ocupavam o 4º lugar como destino das importações paulistas, com 3,9%, em 2014, vieram a ocupar o 9º lugar, com 2,4%. Já a China, em sentido inverso, tinha uma participação de apenas 0,4% de destino das importações paulistas em 1999 e figurava na posição 29º. Mas, em 2014, o país asiático já estava em 4º lugar, representando 4,9% das exportações paulistas.

De acordo com Paulino e Montoro (1999), as exportações paulistas para Estados Unidos, China e Holanda (o terceiro, um país europeu) e, por outro lado, Argentina, mostram, sob uma perspectiva, o caráter multilateral da atividade exportadora e, sob outra, a importância do Mercosul para a economia paulista. Enquanto as exportações nos setores tecnologicamente mais avançados estão mais voltadas para os parceiros do Mercosul, como o caso da Argentina, e demais países latino-americanos, as

exportações dos setores mais tradicionais se destinam prioritariamente para Europa, Ásia e Estados Unidos.

Os cinco setores que apresentaram maior média de participação percentual nas exportações totais de São Paulo, de 1999 a 2014, foram alimentos/fumo/bebidas (25,8%), material de transporte (23,2%), máquinas/equipamentos (20,0%) e químicos (7,0%). No mesmo período, as maiores taxas de crescimento das exportações foram nos setores de minerais (1412,9%), outros (411,0%), alimentos/fumo/bebidas (255,9%), químicos (220,9%) e plástico/borracha (191,7%). Todavia, os setores que apresentaram menor crescimento foram têxtil (5,3%), madeira (37,4%) e papel (114,0%), conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Estrutura das exportações paulistas segundo grupos de produtos/setores em %

Setores/ períodos	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Taxa de cresc. 1999 a 2014
Alimentos/ fumo/be- bidas	24,9	17,4	20,6	23,0	22,5	22,7	22,0	24,3	22,5	23,0	30,5	31,5	31,9	30,6	33,2	31,5	255,9
Minerais	0,9	2,0	2,5	1,8	2,7	2,2	2,9	3,4	4,4	4,9	2,2	1,7	1,7	2,4	2,8	5,0	1412,9
Químicos	7,3	6,7	6,3	6,7	6,5	6,0	5,9	5,7	6,2	6,8	8,2	8,0	8,2	8,0	7,8	8,3	220,9
Plástico/ borracha	4,6	4,5	4,2	4,5	4,8	4,4	4,4	4,4	4,4	4,1	4,6	4,7	5,1	4,8	4,6	4,7	191,7
Calçados/ couro	1,6	2,0	2,1	2,1	2,2	2,3	2,1	2,1	2,2	1,5	1,1	1,4	1,1	1,2	1,3	1,5	171,0
Madeira	0,5	0,4	0,4	0,5	0,5	0,5	0,5	0,4	0,4	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3	37,4
Papel	4,1	3,9	3,6	3,3	3,8	3,1	3,0	2,8	2,9	2,9	3,5	3,4	3,3	3,0	3,2	3,1	114,0
Têxtil	2,2	2,0	2,0	1,8	2,1	1,8	1,5	1,2	1,1	0,9	1,0	1,0	0,9	0,8	0,8	0,8	5,3
Min.																	
n.met/met.	1,9	1,9	1,6	2,0	2,3	2,0	1,7	1,7	1,8	1,6	1,6	1,5	1,4	1,6	1,3	1,5	115,9
preciosos																	
Metais	6,0	6,2	5,7	6,7	7,0	7,8	7,5	7,5	7,9	7,1	6,4	5,5	5,3	6,0	4,9	5,9	176,3
comuns																	
Máquinas/ equipamen- tos	21,6	24,2	22,4	20,3	20,2	19,4	21,6	22,1	20,5	20,7	18,2	17,7	18,6	18,8	16,7	17,0	121,5
Material transporte	22,7	26,9	26,7	25,1	23,7	26,3	25,4	23,0	24,1	24,5	20,5	21,7	20,6	20,7	21,2	18,4	128,4
Ótica/ins- trumentos	1,0	1,0	1,0	1,0	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8	0,9	0,8	0,9	0,8	0,9	1,0	160,9
Outros	0,7	0,8	0,7	1,3	0,8	0,7	0,7	0,7	0,8	0,9	1,1	0,9	0,9	1,1	1,1	1,2	411,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	181,9

Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

Segundo o Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AGROSTAT) (2015), pode-se associar a elevada participação do setor de alimentos/fumo/bebidas no Estado de São Paulo ao fato de este ser o principal exportador do agronegócio brasileiro, com destaque para as exportações do setor sucroalcooleiro, seguido pelo setor das carnes e, em seguida, o complexo da soja.

Com um crescimento de exportações relacionado ao ciclo de expansão do comércio mundial, impulsionado pela forte demanda por parte dos países asiáticos, em especial a China, o setor agrícola brasileiro, na condição de tomador de preços internacionais, conseguiu aproveitar a ampliação dos fluxos de comércio internacionais, com valorização de preços de produtos exportados (BLACK; AVILA, 2013).

3 METODOLOGIA

Nesta seção, são apresentados os quatro indicadores utilizados no presente estudo, com os quais se tem por objetivo identificar os produtos do Estado de São Paulo com vantagens comparativas no comércio exterior.

O primeiro deles consiste no indicador de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS), formalmente definido pela Equação 1. De acordo com Hidalgo (1998), este indicador revela a relação entre participação de mercado do setor e participação da região (estado) no total das exportações do País, fornecendo uma medida da estrutura relativa das exportações de uma região (estado). O IVCRS varia de forma linear entre -1 e 1. O país que tiver resultado entre 0 e 1 terá vantagem comparativa no produto analisado. Se o IVCRS for igual a zero, terá a competitividade média dos demais exportadores e, se variar entre -1 e 0, terá desvantagem comparativa (LAURSEN, 1998).

$$IVCRS_{ik} = \frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z} - 1 \bigg/ \frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z} + 1 \quad (1)$$

Em que:

X_{ij} representa o valor das exportações do setor i pelo estado j (SP);

X_{iz} representa o valor das exportações do setor i da zona de referência z (Brasil);

X_j representa o valor total das exportações do estado j (SP);

X_z representa o valor total das exportações da zona de referência z (Brasil).

Ainda, conforme Hidalgo (1998), quando uma região exporta um grande volume de determinado produto em relação ao que é exportado pelo país desse mesmo produto, ela possui vantagem comparativa na produção desse bem. Além disso, em um ambiente cada vez mais globalizado e integrado, o fluxo comercial é caracterizado por um crescente comércio intraindústria. A expansão do comércio nos processos de integração econômica, em geral, acontece por meio desse tipo de comércio. Assim, o conhecimento desse comércio é importante na formulação de estratégias de inserção internacional para uma economia (HIDALGO; DA MATA, 2004).

O segundo é o Índice de Comércio Intraindústria (CII), o qual visa caracterizar o comércio do Estado de São Paulo. Esse índice consiste na utilização da exportação e importação simultânea de produtos do mesmo setor. Com o avanço e difusão dos processos tecnológicos entre os países, muda-se a configuração do comércio internacional e o peso das vantagens comparativas (abundância de recursos). Apresenta-se como destaque o crescimento do comércio interindustrial. Conforme Appleyard, Field Junior e Cobb (2010), diferente do comércio interindustrial, o comércio intraindústria é explicado pelas economias de escala e pela diferenciação do produto.

O indicador setorial do comércio intraindustrial (CII) foi desenvolvido por Grubel e Lloyd (1975) e pode ser apresentado conforme a Equação 2:

$$CII = 1 - \frac{\sum_i |X_i - M_i|}{\sum_i |X_i + M_i|} \quad (2)$$

Em que:

X_i representa as exportações do produto i ;

M_i representa as importações do produto i .

Quando o indicador CII se aproximar de zero, pode-se concluir que há comércio interindustrial, neste caso, o comércio é explicado pelas vantagens comparativas, ou seja, observa-se a presença de comércio entre produtos de diferentes setores de São Paulo com os países parceiros. Esse evento pode ser observado ao se constatar ocorrência de apenas importação ou apenas exportação do setor i (ou produto i). Por outro lado, quando CII for maior que 0,5 ($CII > 0,5$), o comércio é caracterizado como intraindustrial.

Assim, o padrão de comércio intraindustrial reflete uma pauta exportadora, que, por sua vez, sucede uma estrutura produtiva dinamizada em progresso tecnológico e em economias de escala (ampliação de mercados). Todavia, a configuração interindustrial reflete o ordenamento entre os setores produtivos, baseado no uso da dotação

de fatores e sob concorrência perfeita. Esse arranjo explicativo das trocas comerciais pode indicar se determinado participante do comércio internacional alcançou ganhos de competitividade. Ressalta-se que, em meio à profusão de conceitos que foram atribuídos a esse termo, entende-se, neste artigo, diante dos alcances e das limitações dos índices utilizados, que alcançar competitividade internacional significa atingir os maiores níveis de vantagem comparativa revelada e o padrão de inserção intraindustrial.

O terceiro indicador é o índice de Concentração Setorial das Exportações (ICS), também conhecido como coeficiente *Gini-Hirschman*, o qual quantifica a concentração das exportações de cada setor exportador i realizadas pelo estado j (São Paulo). O ICS é representado por meio da Equação 3:

$$ICS_{ij} = \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_{ij}}{X_j}\right)^2} \quad (3)$$

Em que:

X_{ij} representa as exportações do setor i pelo estado j (SP);

X_j representa as exportações totais do estado j (SP).

O ICS varia entre 0 e 1, e quanto mais próximo a 1, mais concentradas serão as exportações em poucos setores, e, por outro lado, quanto mais próximo de 0, mais diversificada será a composição da pauta de exportações. Pinheres e Ferratino (1997) apresentam abordagem alternativa para o cálculo das concentrações.

O quarto indicador é a taxa de cobertura das importações (TC), o qual indica quantas vezes o volume das exportações do setor i está cobrindo seu volume de importação. O índice é obtido por intermédio da Equação 4:

$$TC_{ij} = \frac{X_{ij}/M_{ij}}{X_i/M_i} \quad (4)$$

Em que:

X_{ij} representa as exportações do setor i do estado j (SP);

M_{ij} representa as importações do setor i do estado j (SP);

X_i representa as exportações do produto i ;

M_i representa as importações do produto i .

Segundo Fontenele, Melo e Rosa (2000), quando TC_{ij} é superior à unidade ($TC_{ij} > 1$), identifica-se uma vantagem comparativa em termos de cobertura das expor-

tações, ou seja, as exportações do setor *i* do Estado teriam uma dimensão maior se comparadas às importações do mesmo setor.

Para alcançar o objetivo de explicar o padrão comercial de São Paulo no período 1999-2014 e apresentar os setores produtivos do Estado que apresentam maior especialização e competitividade, serão utilizados indicadores baseados nos fluxos comerciais. O banco de dados para o cálculo desses indicadores é obtido na Secretaria do Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil (MDIC), acessível por meio do Sistema de Análise de Informações do Comércio Exterior (ALICEWEB, 2015).

Os dados relativos às importações e exportações desagregadas por setores seguem o padrão da literatura empírica da área, como apresentam Feistel (2008) e Maia (2005). Os capítulos referem-se aos setores produtivos e, a partir de cada capítulo correspondente ao agrupamento de produtos, obtêm-se os valores das importações e exportações.¹

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA SIMÉTRICA (IVCRS)

A Tabela 3 demonstra a evolução do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas Simétricas de São Paulo de 1999 a 2014. Dos 14 setores analisados, em quatro o Estado de São Paulo apresentou vantagens comparativas ($IVCRS > 0$) em todos os anos da série histórica. Ou seja, esses setores apresentaram especialização permanente no que se refere à competitividade e inserção paulista no mercado internacional.

Assim, conforme a Tabela 3, o resultado do IVCRS que apresenta maior vantagem comparativa é, em primeiro lugar, o setor de material de transporte, com média de 0,36 ao longo do período. As exportações paulistas nesse setor são, principalmente, do setor automobilístico, no qual a fabricação e montagem de veículos automotores, veículos pesados e aviões dinamiza o setor. Os principais destinos dessas exportações são os países do Mercosul, principalmente a Argentina, em que esse setor é beneficiado pelo acordo comercial (PAULINO; MONTORO, 1999; AZEVEDO; MASSUQUETTI, 2013).

Verifica-se que a segunda maior vantagem comparativa de São Paulo é composta pelo setor de máquinas e equipamentos, com média de 0,31 ao longo do período. Pode-se sugerir que esse setor está atrelado à cadeia produtiva dos materiais de transporte. Ambos os setores, de máquinas e equipamentos e material de transporte, são beneficiados por meio de acordos firmados pelo Mercosul, bem como os firmados com as montadoras de automóveis (GARCIAS, 2013; ARROYO, 2012).

Tabela 3 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica

Grupos de Produtos/Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Alimentos/fumo/bebidas	-0,09	-0,16	-0,16	-0,11	-0,14	-0,12	-0,10	-0,05	-0,11	-0,13	-0,08	0,00	0,00	-0,05	-0,04	-0,08
Minerais	-0,78	-0,61	-0,58	-0,72	-0,60	-0,65	-0,65	-0,64	-0,58	-0,61	-0,80	-0,87	-0,89	-0,83	-0,78	-0,64
Químicos	0,11	0,07	0,12	0,14	0,12	0,12	0,12	0,08	0,10	0,16	0,21	0,21	0,26	0,24	0,25	0,23
Plástico/borracha	0,20	0,17	0,21	0,25	0,24	0,23	0,20	0,17	0,16	0,23	0,21	0,27	0,32	0,30	0,32	0,31
Calçados/couro	-0,46	-0,39	-0,37	-0,34	-0,28	-0,20	-0,19	-0,17	-0,13	-0,16	-0,23	-0,12	-0,15	-0,12	-0,11	-0,12
Madeira	-0,69	-0,72	-0,73	-0,72	-0,70	-0,75	-0,69	-0,69	-0,70	-0,64	-0,64	-0,68	-0,64	-0,63	-0,56	-0,59
Papel	-0,06	-0,11	-0,04	-0,03	-0,02	-0,01	0,01	-0,03	-0,03	-0,03	0,03	-0,01	0,06	0,02	0,02	-0,03
Têxtil	0,01	-0,05	-0,07	-0,05	-0,05	-0,11	-0,13	-0,14	-0,15	-0,15	-0,14	-0,08	-0,17	-0,27	-0,10	-0,17
Min. n.met/preciosos	-0,15	-0,13	-0,17	-0,11	0,01	-0,04	-0,10	-0,13	-0,09	-0,05	-0,13	-0,16	-0,14	-0,12	-0,24	-0,19
Metais comuns	-0,30	-0,30	-0,24	-0,21	-0,21	-0,18	-0,21	-0,20	-0,15	-0,19	-0,12	-0,14	-0,18	-0,10	-0,12	-0,11
Máquinas/equipamentos	0,28	0,29	0,26	0,24	0,24	0,25	0,24	0,26	0,29	0,35	0,34	0,37	0,42	0,41	0,39	0,38
Material transporte	0,32	0,29	0,31	0,34	0,35	0,31	0,32	0,32	0,32	0,36	0,41	0,43	0,45	0,43	0,31	0,43
Ótica/instrumentos	0,04	0,07	0,11	0,20	0,25	0,25	0,25	0,22	0,23	0,28	0,30	0,33	0,39	0,36	0,39	0,39
Outros	-0,30	-0,25	-0,25	-0,08	-0,25	-0,29	-0,24	-0,19	-0,09	0,02	0,10	0,12	0,20	0,20	0,26	0,26

Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

De acordo com a Tabela 3, observa-se que a terceira maior vantagem comparativa de São Paulo está no setor de ótica e instrumentos, com média de 0,25 ao longo do período. Nesse setor, as principais exportações paulistas se concentram em instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia, cinematografia, entre outros (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, 2015).

A quarta maior vantagem comparativa do Estado paulista é no setor de plástico e borracha, com média de 0,24 ao longo do período. São Paulo apresenta um dos principais polos petroquímicos do País, no qual se produzem e depois são exportados os derivados do petróleo, como borracha e material plástico. O Estado é competitivo nesse setor, pois recebe a totalidade de sua matéria-prima da Petrobras através de dutos, em razão da proximidade geográfica (GOMES; DVORSAK; HEIL, 2005).

A partir desse contexto, percebe-se, sob a ótica das vantagens comparativas, que São Paulo possui poucos setores que apresentam vantagens comparativas, o que constitui uma pauta produtiva pouco diversificada. Neste sentido, pode-se sugerir que o Estado é vulnerável às oscilações de variáveis externas, como mudanças de preços internacionais e crises, por exemplo.

4.2 ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRAINDÚSTRIA (CII)

Na Tabela 4, apresentam-se os resultados do CII, o qual representa o padrão comercial dentro de um mesmo setor, e, quando for maior que 0,5, apresenta comércio intraindustrial, caso contrário, interindustrial. Dos 14 setores analisados, nove indicaram haver comércio intraindústria ao longo de todo o período analisado, a saber: metais comuns (média 0,88), outros (média 0,80), minerais não metálicos e metais preciosos (média 0,79), papel (média 0,79), plástico e borracha (média 0,74), têxtil (média 0,71), máquinas e equipamentos (média 0,68), material de transporte (média 0,54) e calçados e couro (média 0,52).

De acordo com a Tabela 4, observa-se que o principal setor que apresenta comércio intraindustrial, ou seja, em que o comércio se baseia na diferenciação de produto, em economias de escala e concorrência monopolística, é o setor de metais comuns. O comércio de metais comuns ocorre pela demanda do produto como insumo para a indústria de transformação, uma vez que os principais bens exportados e importados são industrializados (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, 2015).

O segundo setor que apresenta maior comércio intraindustrial é *outros*. As exportações desse setor se concentram, principalmente, em armas e munições, móveis, obras diversas, entre outros. As importações são basicamente de móveis, brinquedos e obras diversas (ALICEWEB, 2015).

Tabela 4 – Índice de comércio intraindústria individual

Grupos de Produtos/Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Alimentos/fumo/bebidas	0,50	0,59	0,48	0,42	0,37	0,28	0,26	0,25	0,29	0,33	0,31	0,31	0,35	0,35	0,36	0,41
Minerais	0,20	0,33	0,42	0,35	0,48	0,36	0,54	0,51	0,50	0,44	0,30	0,22	0,15	0,29	0,18	0,32
Químicos	0,42	0,43	0,42	0,46	0,48	0,47	0,53	0,56	0,54	0,47	0,49	0,47	0,49	0,46	0,41	0,40
Plástico/borracha	0,73	0,71	0,72	0,77	0,85	0,82	0,85	0,84	0,80	0,70	0,74	0,69	0,73	0,72	0,61	0,62
Calçados/couro	0,41	0,31	0,29	0,29	0,24	0,22	0,31	0,32	0,34	0,57	0,77	0,66	0,84	0,87	0,98	0,97
Madeira	0,31	0,35	0,31	0,26	0,17	0,14	0,14	0,20	0,27	0,34	0,39	0,50	0,63	0,72	0,59	0,60
Papel	0,99	0,99	0,88	0,78	0,59	0,67	0,64	0,73	0,75	0,83	0,75	0,84	0,83	0,80	0,77	0,81
Têxtil	0,78	0,77	0,87	0,93	0,90	0,91	0,97	0,92	0,83	0,71	0,63	0,59	0,49	0,40	0,36	0,32
Min. n.met/met. preciosos	0,80	0,81	0,93	0,66	0,56	0,58	0,64	0,65	0,70	0,81	0,81	0,97	0,99	1,00	0,87	0,91
Metais comuns	0,98	0,99	0,99	0,84	0,82	0,79	0,78	0,77	0,86	1,00	1,00	0,86	0,83	0,92	0,77	0,81
Máquinas/equipamentos	0,60	0,64	0,63	0,75	0,84	0,82	0,88	0,88	0,78	0,69	0,62	0,58	0,57	0,57	0,48	0,48
Material transporte	0,62	0,51	0,44	0,40	0,38	0,38	0,38	0,38	0,43	0,54	0,62	0,69	0,68	0,66	0,75	0,82
Ótica/instrumentos	0,32	0,30	0,30	0,34	0,32	0,30	0,30	0,29	0,25	0,22	0,21	0,21	0,24	0,22	0,20	0,21
Outros	0,68	0,83	0,85	0,78	0,86	0,94	0,98	0,94	0,91	0,83	0,89	0,72	0,68	0,67	0,64	0,65

Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

De acordo com a Tabela 4, o terceiro setor que apresenta maior comércio intraindústria é o de minerais não metálicos e metais preciosos. Esse padrão comercial justifica-se pela dotação de recursos minerais do Estado, principalmente de minerais não metálicos, os quais são demandados pelo setor de construção civil. A produção do Estado concentra-se em areia, brita, argilas, calcário, fosfato, talco e água mineral (CABRAL JÚNIOR et al., 2008).

Além disso, ressalta-se que as exportações se concentram, principalmente, nos setores de vidros e suas obras e pedras e metais preciosos. As importações paulistas do setor têm ênfase em obras de pedra, gesso, cimento e matérias semelhantes e vidros e suas obras (ALICEWEB, 2015).

O quarto setor que apresenta maior comércio intraindustrial é o de papel. Tanto as exportações quanto as importações paulistas do setor concentram-se, principalmente, em papel, cartão e obras de pasta de celulose (ALICEWEB, 2015).

Já para análise dos setores agregados no CII, de acordo com a Tabela 5, os resultados indicaram o comércio intraindustrial para São Paulo variando em torno de 56% entre 1999 e 2014.

Tabela 5 – Índice de comércio intraindústria (CII agregado)

Ano	CII	Ano	CII
1999	0,58	2007	0,59
2000	0,60	2008	0,58
2001	0,57	2009	0,55
2002	0,57	2010	0,53
2003	0,59	2011	0,52
2004	0,56	2012	0,54
2005	0,60	2013	0,48
2006	0,60	2014	0,51

Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

Ou seja, em média, São Paulo apresenta especialização nos setores de metais comuns, outros, minerais não metálicos e metais preciosos, papel, plástico e borracha, têxtil, máquinas e equipamentos, material de transporte e calçados e couro. O comércio intraindustrial baseia-se nas trocas de bens da mesma indústria, os quais apresentam diferenciação de produto, economias de escala e outras estruturas de mercado que não as de concorrência perfeita.

4.3 ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO SETORIAL DAS EXPORTAÇÕES (ICS)

A abertura comercial brasileira se intensificou na primeira metade da década de 1990. Assim, o aumento da competitividade internacional impôs pressão sobre a estrutura produtiva, por um lado, pela presença dos produtos importados no mercado interno e, por outro lado, pela necessidade da produção de produtos competitivos internacionalmente (DINIZ, 2002).

A partir desse contexto, torna-se pertinente verificar o grau de concentração das exportações do estado paulista. A Tabela 6 apresenta o grau de concentração das exportações (ICS) de São Paulo; quanto mais próximo a 1, mais concentradas são as exportações em poucos setores, e quanto mais próximo a 0, estas são mais diversificadas.

Tabela 6 – Índice de concentração setorial das exportações

Ano	ICS	Ano	ICS
1999	0,42	2007	0,41
2000	0,42	2008	0,41
2001	0,42	2009	0,43
2002	0,41	2010	0,44
2003	0,40	2011	0,44
2004	0,42	2012	0,43
2005	0,42	2013	0,44
2006	0,42	2014	0,42

Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

Como pode ser observado, pode-se sugerir que São Paulo apresenta uma pauta de exportações relativamente diversificada; a média do indicador (ICS=0,42), no período analisado, aparece oscilando entre 0,40 e 0,44.

Esse resultado é reflexo das vantagens comparativas do Estado, de acordo com os resultados alcançados pelo IVCRS, visto que 28,6% dos setores apresentaram vantagem comparativa, bem como o CII indica que 64,3% dos setores apresentam comércio baseado em diferenciação de produto, economias de escala e concorrência monopolística, ou seja, intraindustrial.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015) (SECEX) (2015), ao longo do período, os setores que mais aumentaram as exportações foram minerais, outros, alimentos/fumo/bebidas, químicos e plás-

tico/borracha; contudo, os setores que apresentaram menor crescimento foram papel, madeira e têxtil.

4.4 TAXA DE COBERTURA DAS IMPORTAÇÕES (TC)

Sendo a taxa de cobertura das importações maior que a unidade, indica-se que em determinado setor as exportações paulistas teriam uma dimensão maior se comparadas às importações do mesmo setor.

Os três produtos mais relevantes na pauta exportadora paulista, os quais apresentam maiores taxas de cobertura, ou uma maior vantagem comparativa em termos de cobertura das exportações, de acordo com a Tabela 7, ordenados do maior ao menor, foram os setores de madeira, alimentos/fumo/bebidas e calçados/couro, com média de 6,33; 5,56; e 4,24 no período de análise, respectivamente.

Conforme a Tabela 7, o setor que apresentou maior taxa de cobertura das importações foi o de madeira. As exportações desse setor são, principalmente, de madeira, carvão vegetal e obras de madeira (ALICEWEB, 2015).

Tabela 7 – Taxa de cobertura das importações

Grupos de Produtos/Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Alimentos/fumo/bebidas	4,09	3,18	3,89	3,77	3,93	5,38	5,54	5,69	5,64	6,16	6,66	7,29	6,66	6,61	7,71	6,83
Minerais	0,15	0,26	0,32	0,21	0,28	0,19	0,30	0,28	0,32	0,34	0,22	0,16	0,12	0,23	0,17	0,33
Químicos	0,35	0,37	0,33	0,30	0,28	0,27	0,29	0,32	0,35	0,37	0,39	0,41	0,46	0,41	0,43	0,43
Plástico/borracha	0,77	0,72	0,69	0,62	0,66	0,61	0,59	0,60	0,64	0,64	0,72	0,70	0,82	0,77	0,74	0,79
Calçados/couro	5,23	7,27	7,20	5,98	6,55	7,26	4,41	4,32	4,67	3,04	1,95	2,67	1,95	1,79	1,76	1,84
Madeira	7,43	6,25	6,58	6,83	9,31	11,85	11,13	7,33	6,18	5,75	4,99	3,95	3,10	2,46	4,01	4,10
Papel	1,39	1,36	1,55	1,58	2,13	1,74	1,72	1,44	1,60	1,70	2,03	1,83	2,02	2,09	2,66	2,57
Têxtil	0,86	0,83	0,95	0,87	1,09	1,05	0,86	0,70	0,68	0,66	0,56	0,56	0,47	0,35	0,37	0,33
Min. n.met/preciosos	2,03	1,95	1,40	2,03	2,30	2,18	1,73	1,70	1,77	1,74	1,78	1,42	1,39	1,38	1,28	1,45
Metais comuns	1,30	1,35	1,25	1,38	1,28	1,36	1,27	1,30	1,26	1,20	1,22	1,01	1,02	1,19	1,06	1,19
Máquinas/equipamentos	0,58	0,63	0,57	0,60	0,64	0,62	0,63	0,64	0,62	0,63	0,55	0,54	0,56	0,54	0,53	0,54
Material transporte	2,98	3,81	4,41	4,06	3,85	3,75	3,52	3,46	3,51	3,22	2,74	2,51	2,78	2,77	2,79	2,50
Ótica/instrumentos	0,26	0,23	0,21	0,20	0,17	0,15	0,14	0,14	0,14	0,14	0,15	0,15	0,19	0,17	0,19	0,20
Outros	0,70	0,94	0,90	1,56	1,17	0,99	0,84	0,73	0,80	0,85	0,99	0,74	0,74	0,70	0,78	0,83

Fonte: adaptado de Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior (2015).

De acordo com a Tabela 7, o setor de alimentos, fumo e bebidas apresenta a segunda maior taxa de cobertura das importações em decorrência, principalmente das exportações de açúcares e produtos de confeitaria, preparações de produtos hortícolas e frutas, carnes e miudezas, bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres, entre outros (ALICEWEB, 2015).

Verifica-se que os principais produtos exportados pelo Estado são suco de laranja, produtos do setor sucroalcooleiro e carne bovina. Para suco de laranja, a competitividade deve-se ao clima favorável, o qual permite safra durante o ano todo, ao baixo custo produtivo, à proximidade da produção e do canal de escoamento e à infraestrutura privada do setor industrial. Para o setor sucroalcooleiro, observa-se que a qualidade do solo e o clima favorável, a mão de obra qualificada ao longo da cadeia produtiva, bem como a pesquisa e o desenvolvimento são fundamentais para o desempenho do setor. A competitividade da carne bovina está atrelada ao melhoramento genético dos rebanhos, aos programas de manejo sanitário, entre outros aspectos (IN-VESTE SÃO PAULO, 2016).

O setor de calçados e couro apresenta a terceira maior taxa de cobertura das importações paulistas. As exportações desse setor concentram-se em peles e couro e calçados e suas partes. O couro exportado é oriundo, principalmente, da pecuária paulista. Esse produto é enviado principalmente para os mercados europeu, chinês e norte-americano. A representatividade desse setor também ocorre pela indústria de calçados de Franca e exportação destes aos Estados Unidos e União Europeia (ALICEWEB, 2015; SUZIGAN, 2000).

Além disso, conforme a Tabela 7, é importante destacar que os demais setores que indicaram que as exportações cobrem as importações são os de materiais de transporte, papel, minerais não metálicos e metais preciosos e metais comuns, com média de 3,29; 1,84; 1,72 e 1,23, respectivamente.

5 CONCLUSÃO

Este estudo permitiu elucidar o padrão do comércio exterior dos diversos setores do Estado de São Paulo. Dessa forma, a análise centrou-se nos setores produtivos mais dinâmicos do Estado, os quais detêm parcela significativa na composição da pauta exportadora paulista.

As análises das evidências empíricas apresentadas permitem ressaltar as particularidades setoriais da competitividade do Estado no comércio exterior, mostrando que existem diversos grupos competitivos no mercado internacional ao longo do pe-

ríodo analisado, os quais são material de transporte, máquinas e equipamentos, ótica e instrumentos, plástico e borracha, madeira, alimentos, fumo e bebidas, calçados e couro, papel, minerais não metálicos e metais preciosos e metais comuns.

A partir da estrutura das exportações de São Paulo, foi possível analisar que ambos os fluxos comerciais, exportação e importação, cresceram em ritmos elevados. No fluxo exportador e importador, ressalta-se que não houve alteração no padrão comercial, em que os manufaturados são os principais bens comercializados.

Dessa forma, pode-se destacar que o comércio paulista obedece a um comportamento predominantemente intraindustrial, ou seja, baseado na diferenciação de produto, economia de escala e concorrência monopolística, embora alguns setores apresentem comportamento diferenciado e, portanto, interindustrial. Ainda nesse contexto, é possível afirmar que São Paulo apresenta uma pauta exportadora relativamente diversificada, o que ocasiona sua maior independência econômica em relação ao mercado externo.

Como limitação do trabalho, tem-se que os índices utilizados são estáticos, pois não compreendem alterações em fatores econômicos, como barreiras comerciais, tratados de livre comércio, variações no consumo interno, entre outros. Nesse sentido, sugere-se a realização de estudos futuros com a utilização de Modelos de Equilíbrio Geral Dinâmicos com o intuito de identificar os impactos de políticas econômicas na economia paulista.

Nota explicativa:

¹ Para classificar as mercadorias, em 1996, o Brasil passou a utilizar a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), a qual é utilizada pelos outros integrantes do Bloco, baseado no Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias (Capítulos SH) (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, 2015).

REFERÊNCIAS

ALICEWEB. **Consultas**. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

APPLEYARD, D.; FIELD JÚNIOR, A. J.; COBB, S. L. **Economia Internacional**. 6. ed. Porto Alegre: McGraw Hill, 2010.

ARAÚJO, M. de F. I.; PACHECO, C. A. A trajetória econômica e demográfica da metrópole nas décadas de 70-80. In: BULASCOSCHI, S. ; SOARES, L. H. P. **Cenários da urbanização paulista: a Região Administrativa da Grande São Paulo.** São Paulo: Fundação Seade, 1992.

ARROYO, M. Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 7-26, 2012.

AZEVEDO, A. F. Z.; MASSUQUETTI, A. As exportações brasileiras do setor automotivo para o Mercosul: desvio de comércio ou redução de custos? In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS, 11., 2013, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: ENABER, 2013.

BALDWIN, R. Global supply chains: why they emerged, why they matter and where are they going. In: ELMS, D.; LOW, P. (Org.). **Global value chains in a changing world.** Geneva: Fung Foundation, Temasek Foundation and World Trade Organization, 2013.

BLACK, C.; AVILA, R. I. Uma investigação sobre as exportações brasileiras no período recente. **FEE**, v. 40, p. 41-49, 2013.

CABRAL JÚNIOR, M. et al. A mineração no estado de São Paulo: situação atual, perspectivas e desafios para o aproveitamento dos recursos minerais. **Geociências**, v. 27, n. 2, p. 171-192, 2008.

DINIZ, C. C. **Unidade e fragmentação: a questão regional no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP). **Notícias.** Disponível em: <<http://www.fiesp.com.br/noticias/30-dos-produtos-exportados-por-sao-paulo-sao-de-baixa-tecnologia/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

FEISTEL, P. R. Modelo gravitacional: um teste para economia do Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Administração**, v. 1, p. 94-107, 2008.

FONTENELE, A. M. de C.; MELO, M. C. P.; ROSA, A. L. T. **A indústria nordestina sob a ótica da competitividade sistêmica.** Fortaleza: EUFC/SUDENE/ACEP, 2000.

GARCIAS, P. M. Industrialização, padrão de comércio externo e o comércio intraindústria do estado do Paraná: 1990-2010. **Informe Gepec**, v. 17, n. 2, p. 125-141, jul./dez. 2013.

GOMES, G.; DVORSAK, P.; HEIL, T. Indústria petroquímica brasileira: situação atual e perspectivas. **BNDES Setorial**, n. 21, p. 75-104, mar. 2005.

GRUBEL, H.; LLOYD, P. **Intra-industry trade: the theory and the measurement of international trade in differentiated products**. London: Macmillan, 1975.

HIDALGO, A. B. Especialização e competitividade do Nordeste brasileiro no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza: BNE, v. 29, p. 491-414, jul./set. 1998.

HIDALGO, A. B.; DA MATA, D. F. P. G. Exportações do Estado de Pernambuco: concentração, mudança na estrutura e perspectivas. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 35, n. 2, abr./jun. 2004.

INVESTE SÃO PAULO. **Setores de negócios, agronegócios**. Disponível em: <<http://www.investe.sp.gov.br/setores-de-negocios/agronegocios/laranja/>>. Acesso em: 09 jan. 2016.

LARSEN, K. Revealed comparative advantage and the alternatives as Measures of International specialization. **Working Paper**, n. 98-30, 1998.

MAIA, S. F. Transformações na estrutura produtiva do estado do Paraná na década de 90: análise por vantagem comparativa. In: MAIA, S. F.; MEDEIROS, N. H. (Org.). **Transformações recentes da economia paranaense**. Recife: Universitária, 2005.

MATTEO, M.; TAPIA, J. R. B. Características da indústria paulista nos anos 90: em direção a uma *city region*? **Revista de Sociologia Política**, n. 18, p. 73-93, 2002.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)**. Disponível em: <<http://alicesweb2.mdic.gov.br//consulta-ncm/index/type/exportacaoNcm>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

PAULINO, L. A.; MONTORO, G. Desempenho exportador da indústria paulista. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 1-2, p. 77-86, 1999.

PINHERES, G. S.; FERRANTINO M.: Export diversification and structural dynamics in the growth process: the case of Chile. **Journal of Development Economics**, v. 52, i. 2, Apr. 1997.

RAINELLI, M. **Nova teoria do comércio internacional**. São Paulo: Universidade do Sagrado Coração, 1997.

RICARDO, D. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

ROSSI JÚNIOR, J. L.; FERREIRA, P. C. Evolução da produtividade industrial brasileira e abertura comercial. **Texto para Discussão – IPEA**, n. 651, 1999.

SISTEMA DE ESTATÍSTICAS DE COMÉRCIO EXTERIOR DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO (AGROSTAT). **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Disponível em: <<http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SUZIGAN, W. A Industrialização de São Paulo: 1930-1945. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 89-111, 1971.

SUZIGAN, W. **Sistemas produtivos locais no estado de São Paulo**: o caso das indústrias de calçados de Franca. Campinas: IPEA, PNUD, UNICAMP, 2000.

VIANNA, S. T. W.; BRUNO, M. A. P.; MODENESI, A. M. **Macroeconomia para o desenvolvimento**: crescimento, estabilidade e emprego. 4. ed. Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

Como citar este artigo:

ABNT

SILVA, Mygre, Lopes; FRANCK, Alison, Geovani, Schwingel; SILVA, Rodrigo Abbade da; CORONEL, Daniel, Arruma. Padrão de especialização do comércio internacional de São Paulo (1999-2014). **RACE, Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Joaçaba: Ed. Unoesc, v. 15, n. 2, p. 553-578, maio./ago. 2016. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>>. Acesso em: dia/mês/ano.

APA

Silva, M. L., Franck, A. G. S., Silva, R. A. da, & Coronel, D. A. Padrão de especialização do comércio internacional de São Paulo (1999-2014). *RACE, Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 15(2), 553-578. Recuperado de <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>

